

GLITTER

EDITORA MOINHOS

© Moinhos, 2018.
© Bruno Ribeiro, 2018.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Sérgio Ricardo

1ª edição, Belo Horizonte, 2018.

Nesta edição, respeitou-se o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R484g
Ribeiro, Bruno
Glitter [recurso eletrônico] / Bruno Ribeiro. - Belo Horizonte : Moinhos, 2018.
200 p. : 14cm x 21cm.
ISBN: 978-85-92579-96-8
1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Moda. 4. Drama. 5. Suicídio em massa. 6. Ficção.
I. Título.

2018-683

CDD 869.89923
CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos — Belo Horizonte — MG
editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br

Glitter

Bruno Ribeiro



A moda passa. O estilo permanece.
Coco Chanel.

Tudo é bom quando é excessivo.
Marquês de Sade.

Live fast die young bad girls do it well.
M.I.A, Bad Girls.

ELA EXAGEROU na maquiagem. A pálpebra móvel dançava como uma mosca atordoada por um inseticida. O salto alto vermelho estava quebrado e os costureiros ajeitavam a alça da sua bolsa com frases bíblicas, enquanto um dos estagiários tentava arrumar a cruz que estava acoplada em suas costas através de um arame farpado cheio de nó. O sangue escorria pelo chão de linóleo, criando raízes rubras em nossos pés. Entrego um copo de água para ela. Pergunto se está tudo bem. Aproveito e tomo outra dose de Ritalina: papai diria dose de metilfenidato. Mania constante de falar os termos técnicos dos remédios. Os minutos passam e a menina da maquiagem carregada está ficando desfocada, e o chão que piso, torto. Meu vestido longo e branco está tremendo. Chega de Ritalina por hoje. Ou não. Esse remédio que está surtindo efeito em meu corpo é um estimulante leve, atinge o sistema nervoso central. É usado para tratamento de casos de déficit de atenção e hiperatividade, narcolepsia e hipersonia idiopática do sistema nervoso central. Não tenho nenhum desses sintomas. O uso excessivo pode causar alguns efeitos colaterais não desejados, como queda de cabelos, alteração da pressão e batimentos cardíacos, alteração do humor, dilatação das pupilas, ataques de ansiedade, letargia, perda de peso, tontura e outras que não valem a pena ficar falando.

Digamos que no momento estou com tontura.

Digamos que já tive todos os efeitos colaterais.

Digamos que tomo Ritalina desde os 13 anos.

“Perda de peso é importante.” Diria meu papai querido. Ele ainda diria que modelos são movidas a livros infantis, química e anorexia. E glamour. Meus pais sabiam das coisas, por conta deles subi no pódio dos holofotes, esse lugarzinho especial que você sempre desejou; aquele em que seus sonhos insistem em almejar. Na tela da televisão, nos sites de fofoca ou na revista com ilhas e talheres de graça. Paro de viajar na maionese, um dos estagiários dos bastidores toca em meu ombro e diz: “Gata, sua hora vai chegar”. O rapaz é loiro com sobancelha rosa e calças douradas cheias de caveiras. Pode ser efeito do remédio ou um dos famosos ataques de ansiedade que sofro, mas essa frase “sua hora vai chegar” causou certo frisson. As capas de revistas estampariam minha expressão andrógina-horripilante-Sinéad O’ Connor com certo receio pré-desfile que mudariam a vida de todos. Depois que raspei minha ca-

beça, toda a mídia pensa que irei chutar algum santo em um programa noturno de sábado. Na verdade eu já chutei. Olha, a verdade é que meu depoimento nesta história será capa de Jornal. O Jô precisa me entrevistar e eu mereço um arquivo confidencial. Meu nome, Eva de Castro, será referência nos filmes de autoajuda. A verdade é que minha vida não foi fácil. Eu mereço que o Jabor faça uma crônica sobre meu passado sofrido, eu mereço um filme dirigido pelo Walter Salles em parceria com algum americano sabichão-cheio-da-grana e com pica dura o suficiente pra película alcançar o Oscar. A Demi Moore iria me interpretar. Claro, amo ela careca. Mulher com vigor, forte. Meu nome fictício será Amélia, a Deusa das moscas mortas, aquela que serve de espelho para as donas de casa fracas de espírito. Meu nome será marchinha de carnaval, meu slogan: “uma modelo de palavra”. Eu tenho algo a dizer: esse algo anda se repetindo a um ano em minha cabeça, desde que ficamos presas no SHOPPING.

Digamos que meu cérebro anda pifando.

Chegue perto, vou sussurrar: “digamos que eu esteja louca”.

Esse é o nosso segredo de bastidores, terminologia da moda, segredos sempre serão segredos. Ninguém fica sabendo quando o tal estilista arregança a cara de uma modelo teimosa ou quando o marido dessa modelo enfia o pau a força nos seus orifícios santificados. E é para essa modelo que estou olhando agora: a menina tensa com a cruz. Ela com suas pálpebras móveis, negras e pesadas, o salto vermelho rachado, a expressão de menina do interior que tenta ganhar a vida no mundo do glamour. Ela é a terceira a entrar na passarela, as outras duas que entraram já conseguiram mostrar para o público o que esperar da noite de hoje. Os boys dos bastidores ajeitam o vestido branco da garota que agora está ficando avermelhado por causa do sangue perdido; a cruz de espinhos está encaixada em sua testa reluzente, criando uma aura mórbida de paz. Nos olhos azuis dela estão escorrendo um líquido viscoso e os seus lábios finos, suaves como as cortinas amarelas que flutuam pelos bastidores iluminados com holofotes verdes, estão rachados. A menina olha para mim, nossos olhos se comunicam, assim como o ritmo dos corações. “Estou com medo.” É o que ela diz, enquanto os estagiários com calças douradas ajeitam os pregos na mão dela.

Os pregos enferrujados. A mão com tétano, apodrecendo cada pedaço daquela pele branca.

“Medo do que, Lana?” Pergunto.

“Medo do que farei quando estiver na frente deles.”

Aperto os pregos na mão direita dela, digo: “nós somos o futuro do estilo, fincaremos nossos saltos em suas câmeras, quebraremos paradigmas, faremos história, revolucionaremos o conceito, destruiremos tradições. Estamos removendo as algemas das nossas famílias, do machismo, de tudo aquilo que nos ensinaram. Não somos Pequenos Príncipes e Paulo Coelho, não somos clichês. Nós temos nossas vozes, nossa poesia. Exponha a todos. O medo não pertence a essa passarela.”

Eu empurro a cruz nas costas da menina crucificada, respingos do seu sangue ilustram meu rosto. Ela me beija e antes que pudesse me ouvir dizer “... e eu te amo também”, ela parte para a passarela.

Sem maquiagem. Sem falsidade. Sem ilusões.

Essa é uma história de milagres. Um texto sobre mulheres que chegaram aos seus limites e que para continuarem vivas, nunca sãs, tiveram que se agarrar em algo firme o bastante para não morrerem na hora errada. Ninguém quer morrer em um quarto vazio de hotel ou na casa dos pais com artrite. Queremos morrer no palco, nas luzes, na frente de todos aqueles que duvidaram de nós. Essa história é um relato divino. Essas palavras revelam a única chance que tivemos de resgatarmos as nossas carreiras afundadas. Nós queremos que o futuro saiba quem nós fomos e, através desse desfile, poderemos nos mostrar. Se nós somos loucas ou não, você decide.

INSISTO em tentar rezar antes de fazer qualquer trabalho. Coloco pedregulhos no chão de linóleo dos bastidores e ajoelho. Lembro da filosofia, dos dizeres do sábio Nietzsche: “o que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte”. Então, imediatamente, recordo daquele homem moreno, cabelos escurecidos e bronzeamento artificial havaiano de três mil reais. Não é Nietzsche, é meu ex-marido. Ele puxava meus cabelos e dizia: “você não nasceu pra ser inteligente”. Animal ferido quando reage cospe fogo no diabo. Era o que eu pensava, nunca verbalizava, nunca poderia. Minha língua não nasceu para dar opiniões ou impor. O certo é abaixar a cabeça e continuar andando, seguindo o fluxo. Ainda estou ajoelhada, mas não rezo. Não mais. Com essa cruz nas costas, sangue pelo corpo, coroa na cabeça e pregos nas mãos, eu pergunto: “o que estou fazendo ajoelhada? Não consegui evoluir?” Fomos criados para sermos pessoas direitas, religiosas. Fomos criados para seguir o caminho sem buracos. Nossas vidas foram concebidas para que o mal não nos atinja, e quando todas essas histórias se tornam frase de para-choque de caminhão, é difícil se acostumar: por isso ainda estou ajoelhada.

Alguns costureiros começam a arrumar minha bolsa cheia de frases bíblicas, um deles diz: “Baby, se ajeite. Dessa forma ninguém vai ler essas paradas”. Olho para a bolsa e leio em voz alta: “Deus não lhe dá mais do que você pode carregar”. Um dos estagiários passa por perto de mim, geme em meu ouvido “essa cruz em suas costas diz o contrário, amor”. Fico de pé, a dor intensifica, os pregos tortos entram cada vez mais na pele. O cheiro de ferro com urina aumenta. O chão está com uma poça de líquido vermelho, ela escorre das minhas pernas e fico na dúvida se é sangue das feridas ou menstruação.

Sou a terceira do desfile. As pessoas aguardam que eu entre como uma mulher e não como a menina que passou a vida sonhando em ser professora de cidadezinha pequena. Elas não esperam que eu entre como a menina que amava aquele poeta de cabelos engomados, a menina que cozinhava para os mendigos, a menina que dava bom dia para todos os matutos punheteiros da cidade natal, a menina que trabalhava na igreja e limpava o padre. O padre que dizia que tocar no meio das pernas dele era um atalho para ver papai do céu; minha vida daria uma novela das oito. Uma novela proibida para crianças. Algumas modelos

aqui nos bastidores e nos camarins estão peladas, lendo em voz alta suas poesias, desfilando venenos, batendo cabeças nos pilares acinzentados que sustentam esses bastidores fétidos em que estamos. Elas estão loucas. Eu não. Se bem que estou com uma cruz nas costas, espinhos na cabeça, pregos na mão e sangue pelo corpo inteiro. Talvez eu tenha enlouquecido. Talvez eu só queira dizer algo para todos os desgraçados que acabaram com a minha vida. Talvez. Um dos estagiários do desfile com penteado punk se aproxima, ele diz: “você não nasceu em berço de ouro, criança. É sua vez, certo?” Eu repondo: “certo”. Ele diz: “mostre pra esses cristãos a sua verdadeira religião, darling”.

Eva me encara do outro lado, próxima da entrada da passarela, em cima de um holofote verde e com as cortinas atrás dela flutuando como arte abstrata. O dragão tatuado em sua cabeça, o longo vestido branco, os olhos taciturnos e a expressão de calma e rigor velam meu corpo ferido. Eva causará esquizofrenia quando entrar nessa passarela. Ela se aproxima de mim. Meu corpo esquenta. Eu beijo o rosto de Eva. Ela consegue falar as palavras certas, aquelas que eu havia esquecido e jurei jamais esquecer. Ela aperta meus pregos. Sinto a vida. A ousadia. Não posso perder sinal disso. Não posso perder tudo o que conquistei nos últimos meses. Entro na passarela, em meio às luzes fortes e a multidão. Ouço Eva falar alguma coisa, mas só entendo a palavra “também”. Sempre me chamaram de cervo. De fraca. De ignorante. De frágil. Que seja então: serei o cervo e irei devorar dragões e crianças ao mesmo tempo.

VIDDI

3

GALLIANO Ferrari Overdose. Esse é um termo que criei no meu filme avant garde conceitual sobre moda de nome Féretro. O termo significa tomar um ar. Respirar algo que não seja viciado e grudento. Relaxar. Nesses bastidores entupidos de laquê, perfume Chanel, mijo, bosta e cremes de pele, meu olfato sente um breve arrepio. Uma das modelos, uma magrela de cabelos esverdeados, está cheirando uma carreira do tamanho do pau do Tyson. Quando ela termina, passa os dedos nos dentes, arregala os olhos pra mim e começa a berrar de alegria. Rivotril é o nosso pastor e nada me faltará, enfio um, a traqueia sente o gosto. Os efeitos devem surgir daqui alguns minutos. Uma modelo está entrando na passarela, a segunda da lista. Sua vestimenta é rosa com detalhes macabros, feições de demônios misturadas com cifrões. A voz do Deus surge nas caixas de som, lendo a poesia da garota. A voz daquele que chamo de meu homem, o idealizador deste desfile inovador e destruidor de paradigmas. Ele lê a poesia da segunda modelo com sua voz tediosa e arrastada. Ouço o arrastar da audição da plateia refém. Excito-me ao ouvir os gritos de desespero.

A segunda modelo matou o pai na passarela e se matou em seguida.

Os flashes psicóticos se iniciam.

Uma modelo mastiga um pedaço de pernil nos bastidores, ela era uma das mais magras do negócio. O meio amava essa garota, agora a bunda dela tem mais buraco que rosto de adolescente. Sua barriga cobre a boceta, os peitos alcançam o umbigo cheio de farofa. Seus lábios já foram um dos mais desejados da televisão. Hoje eles estão cheios de linguiça de frango e maionese. Ela diz: “a Princesinha do Projac vai mostrar uma coisinha pra eles”. A menina solta um peido, as modelos começam a rir, os dentes expostos, a gargalhada perturbadora. Excito-me ao ouvir a sinceridade dessas almas empobrecidas. Tudo graças ao meu Guilherme de Boaventura, o homem que idealizou esse desfile. O Deus ex machina dessa história. A voz por trás das poesias. Aproximo de um dos estagiários e digo: “Galliano Ferrari Overdose”. Eles já sabem o que significa, sempre treinei bem meus cachorrinhos. Preciso tomar um ar. Chego perto de Eva, a principal do evento. Aquela que sabíamos que seria a rainha dessa corja amável de modelos piradas. Digo: “verdade, nada mais”. Ela responde: “você adora falar isso. Tem certeza que foi você que criou essa frase?”

Abaixo a cabeça e acendo uma nicotina.

Eva está certa, não fui eu que inventei.

Esse slogan, “verdade, nada mais”, foi concebido por um macaco assalariado. Um homem mediano, barba espessa, brincos, piercing no umbigo e nariz. Um típico marxista. Bebe Heineken, mija sangue. Olhos caídos, larica eterna. Rapaz fraco no desempenho sexual, falho na matemática. Seguiu publicidade por causa da família, amigos e ex-namorada. Todos diziam: “Laricão, você é muito criativo”. Ele seguiu carreira. Cheirou muitas também. Estudou. Laricão arranhou uma namorada com problemas mentais, ela sugou o pouco de confiança que ele tinha. Laricão se viu preso na publicidade e propaganda. Um dia, enquanto chorava pelos chifres que levava, Laricão recebeu um briefing especial. Ele devia criar um slogan para uma empresa de comunicação. Negociações sensíveis. Laricão cansou da sua vida, convenhamos. Nada do que ele fazia prestava. Nada. Todos diziam: “nos enganamos. Laricão é um péssimo criador. Foi mal, cara”. As risadas e churrasco no final do mês continuaram. Laricão andou pensando no slogan, algo como: “Aqui você faz o negócio certo”. A noite demorou pra passar, o publicitário não sabia o que fazer. Como reagir. O slogan era pra ontem. Sua barba entrava na laringe, coçava o cérebro e arrotava pelos neurônios. Nada fazia sentido. Sua vida era uma ilusão. O que ele poderia fazer? O que ele poderia desejar? Óbvio, só uma coisa: a verdade. Laricão foi concebido no ambiente da magia. Fadas sobrevoavam sua cabeça de chá, jorravam pós e feitiços publicitários. Cannes era o seu ópio. Iludiu-se por meio das palavras chiadas, ruídos incessantes, todos berravam em coral: “você é criativo. Laricão é genial, al al al, Laricão é genial”. O que é verdade? Laricão chorou e disse: “só quero a verdade, nada mais”. Dia seguinte, seus dedos macios escreveram no Word: “verdade. Nada mais”. Fonte Times New Roman, tamanho 22. Imprimiu e mandou pra galera. Todos riram. Ninguém entendia o seu trabalho. O patrão, em desespero, decidiu dar uma chance pro cara, disse: “vamos apresentar essa merda. É o jeito”. Os empresários da Grande Empresa de Comunicação chegaram. Eu, observando o espelho, adentrei na agência. Meu terno vermelho estava com um grão de sujeira calculadamente estratégico. Lado direito. Fino. Resto de pão. Fiquei deprimido. Nunca gostei de sujeira em minha vestimenta. Principalmente quando visto um Hugo Boss. Mas eles entenderiam. A perfeição é sempre pouco. Exibiram o slogan. Perguntei: “quem criou esse slogan?” O dono apontou pro Laricão. Cabelo gigante, meio punk anarquista, um revoltado, amante de

Che, vomita Thoreau e caga Miller. Conheço todos os degradados. Os sujos e entupidos de escárnio. Digo: “Horroroso. Reprovado”. Levantamos em conjunto, sem falhas, seguindo em direção da porta mal feita da agência. Na limusine, pensei no rapaz barbudo. O Laricão. Ele desejava provar que podia, criou a frase da sua vida. E a minha resposta ao slogan foi: “um dos piores que já tive o enjoo de ler”. Terrível. Pútrido sob todos os aspectos da comunicação. Meus seguidores riram bastante da piada. Andei treinando a técnica do humor avançado para empresas de grande e médio porte. Mas, sou piedoso. Um homem bom. Vi fome no rapaz. Falta de esperança. Foi quando decidi sair desse ramo de comunicação, focar só na moda e organização de eventos relacionados a estilistas relevantes. Antes de sair da área de comunicação, vi que não conseguia deixar de pensar no publicitário de esquerda. Liguei pra ele. O Laricão. Pedi uma chupada em troca de grana. Gozei dentro da boquinha suja do rapaz e falei: “se não engolir não compro a frase”. Ainda disse: “Fique de quatro”. O cu era peludo, um buraco fechado e escuro. Estranho de certa forma, odor de esgoto, desespero. Ele chorava. Pedi para secar o choro no meu ânus: depilado, límpido e branco. Talvez no meu rabo ele visse o exemplo de um cu de respeito. Voltou na posição de antes. Dei algumas tapas no rabo cabeludo. Meti com tudo. Enquanto enfiava, pedi para ele ir contando a história da sua vida: Verdade. Nada mais. Comprei a frase por puro mimo. Lógico que a empresa não a usou como slogan, então, em respeito a ele, a uso no dia a dia. Hoje, Laricão é meu companheiro. Atuou no meu filme *Féretro*, se assumiu homossexual, parou de se importar com os pobres e fudidos do mundo, e se tornou meu homem privado. Nada como um Gucci para mudar a vida de um homem; a verdade é que atualmente Laricão está morrendo em um hospital particular. Estou bancando as dívidas, claro, mas as chances dele sair vivo são poucas. Um adendo: seu nome não é Laricão, é Julian Visco, e a frase é dele.

Para Eva, eu digo: “claro que a frase é minha”.

Mas o meu Galliano Ferrari Overdose é para ele.

Preciso visitá-lo, a qualquer momento sua vida não estará mais entre nós. Julian mandou uma mensagem para o meu celular, nela dizia que ele tinha algo importante para me contar. Algo que só podia ser dito pessoalmente. Algo urgentíssimo. Quando um moribundo diz essas coisas é bom você correr. Antes de sair, vejo a loira matuta simulando Jesus Cristo, se preparando para entrar na passarela. Chego perto dela e digo: “Lana, não cague no pau. Pelos seus Deuses pedófilos, não estrague o

evento”. Deixo as coisas sendo organizada pelos estagiários e costureiros. Eles foram bem treinados. Treinar cachorrinhos é minha especialidade. Dô o fora. Ligo o veículo. Uma limusine. Acendo o baseado. Coloco Kenny G e ligo a televisão que fica embutida no automóvel. Antes de abaixar o som dela, escuto os ruídos mágicos da mídia dizer: “a transmissão do polêmico desfile La Poésie Vivant do estilista Guilherme de Boaventura foi cortada. Nossos repórteres dizem que está acontecendo uma verdadeira chacina dentro do SHOPPING onde está ocorrendo o desfile. A polícia está chegando agora nos arredores do evento”.